

PELA LIBERTAÇÃO DOS POVOS OPRIMIDOS

Boletim Anti-Colonial e Anti-Imperialista do
CENTRO DE ESTUDOS ANTI-COLONIAIS (C.E.A.C.) DA A.A.C.

Nº2

30-IV-75

VIVA O 1º DE MAIO



SUMÁRIO:

EDITORIAL	pág.1
CONTO-"Depois de amanhã é o 1º de Maio	pág.2
POESIA ANGOLANA	pág.3
SOBRE CULTURA E ARTE	pág.4
POEMAS AFRICANOS	pág.7
CONTO ANGOLANO-"Santo Rosa"	pág.10
AGRESSÃO YANKEE À REP. DOMINICANA.	pág.9

EDITORIAL

VIVA O 1º DE MAIO

O 1º de Maio é a festa dos trabalhadores, é uma jornada de luta contra a exploração capitalista e imperialista.

Em todo o mundo esse dia é comemorado pelos trabalhadores. Nos países capitalistas em que se exerce uma forma de ditadura fascista é uma jornada contra a exploração e a opressão, que costuma ser reprimida pela polícia e pelo exército dos patrões. Nos países capitalistas, em que se exerce a forma de democracia burguesa, o 1º de Maio é permitido enquanto forma pacífica de comemorar um dia de luta e será reprimido sempre que este ultrapasse os limites "democráticos".

Nos países socialistas é a festa do trabalho, é a festa dos explorados finalmente libertos do jogo dos capitalistas. É também uma forma de os trabalhadores manifestarem o seu internacionalismo proletário, na medida em que é um dia de festa e de luta.

Como apareceu o 1º de Maio?

Em Outubro de 1884 reuniu-se o Congresso dos Sindicatos dos Estados Unidos e do Canadá. Um dos objectivos desse congresso era lutar pela jornada de trabalho de 8 horas. No princípio do capitalismo, os exploradores punham mulheres e crianças a trabalhar 16, 17, 18 horas por dia, sem descanso. Faziam isso para enriquecerem rapidamente, tal como tem acontecido na nossa pátria.

Os trabalhadores isolados não tinham forças para lutarem contra a exploração. Eles, se lutassem, eram facilmente despedidos ou presos e em seu lugar era posto outro operário que continuava a ser tão explorado, ou ainda mais, que o anterior.

Os Sindicatos surgiram, então, para defender os interesses dos trabalhadores contra os exploradores, para lutarem por melhores salários, por melhores condições de trabalho e de vida para os oprimidos.

O Congresso dos Sindicatos dos Estados Unidos e do Canadá decide desencadear uma greve geral, marcando-a para o dia 1 de Maio de 1886, isto é, há 89 anos. Essa greve era para lutar pelo dia de 8 horas de trabalho.

Vemos assim que foram os trabalhadores dos Estados Unidos, cujos capitalistas-imperialistas são hoje nossos ferozes inimigos, que desencadearam a luta para que todos os trabalhadores do mundo fossem menos explorados.

No 1º de Maio de 1886 houve mais de 5 000 greves, que foram criminosamente reprimidas. À entrada das fábricas muitos operários tombaram sob as balas assassinas do exército dos burgueses.

Os trabalhadores de Chicago (cidade dos Estados Unidos) clamam: "O sangue dos nossos camaradas exige vingança".

Nos dias seguintes há grandiosas manifestações dos trabalhadores contra a repressão capitalista, que se abate sobre os Sindicatos.

Os assassinos capitalistas prendem e enforcam os dirigentes que defendem os interesses dos trabalhadores.

O 1º de Maio passa então a ser considerado como o dia da luta internacional contra exploração capitalista.

Os trabalhadores das ex-colónias portuguesas, assim como os trabalhadores portugueses, nunca puderam comemorar essa festa. Os colonialistas e capitalistas sempre impediram todas as realizações populares. Eles tinham medo do Povo. Para eles, o Povo devia estar na cadeia.

Mas, se bem que o Povo trabalhador não pudesse comemorar essa jornada de luta, ele nunca deixou de lutar contra exploração e a opressão.

Este ano, os trabalhadores de Angola, Moçambique, Guiné-Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e os trabalhadores portugueses vão comemorar o seu grande dia.

Lembremos também que os povos submetidos à opressão imperialista yankee, como é o caso dos povos da Indochina, nunca puderam festejar o dia do trabalhador. No entanto, o Povo Cambojano, que recentemente esmagou as forças reacçãoárias a soldo do imperialismo, pode este ano comemorar o seu primeiro 1º de Maio em liberdade.

Os trabalhadores de todo o mundo levantarão, neste 1º de Maio, a bandeira da luta contra a exploração colonialista e imperialista e dos seus peitos oprimidos sairá o grito do 1º de Maio:

"PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!"

1º de maio - dia
internacional dos
trabalhadores!

— conto —

DEPOIS DE AMANHÃ É O 1º DE MAIO

Já há um bocado que todos se tinham ido deitar. Só aqui e além se via uma ou outra luz nas janelas. A noite estava fria e tinha parado de chover não há pouco. Um vento carregado de humidade soprava com fortes rajadas.

Já eram horas se deitar ao trabalho. Pena o companheiro não ter podido vir. Dois seria melhor e mais seguro. A mulher do António estava mesmo mal. Não admira, a trabalhar naquele estado. E que trabalho! Esses canalhas estão mesmo a precisar de corda ao pescoço. Sa canas, só faltava parir lá na fábrica e pôr a criança logo a trabalhar lá na fábrica, para ser mais um a encher-lhes a pança. Há-de ser mais um, há-de! Mas mais um para lhes tratar da saúde. Mesmo sem médico ou parteira. Onde há dinheiro para isso? Vai nascer e safar-se. Não é o primeiro nem o último. Lá em casa a companheira já safou quatro. E o terceiro do António vem esta noite. Vai ser uma grande noite! Vamos ao trabalho. Amanhã a caminho da fábrica, o companheiro terá a sua segunda alegria e ficará orgulhoso. Não há nada nem ninguém que nos faça parar.

É melhor começar por aqui. Esta parede é boa. A esta hora já deve estar toda a cidade cheia, os camaradas nunca falham, chova ou faça sol. Raios parta a chuva, a tinta escorre toda. Já está, ficou mesmo bem aqui. Isto está mesmo calmo esta noite, apesar de tudo. Não se vê nem um malandro. Os gajos agora só andam de carro. A custa do nosso sangue. Não-de pagá-lo com o deles, malditos. Mas o pior é os à paisana. Depois da tardeia que alguns deles já apanham andam como lobos em grupos. Sozinhos já não se atrevem. Uhm! Este lugar é bom também. Não se vê nem um gato pingado. Está bom. Isto da cola na parte de trás é mesmo boa ideia. Então como estão as paredes agora, agarra que nem pregado.

Os gajos vão-se ver à brocha se os tentarem arrancar. Bom, vamos andando, amanhã ainda é dia de trabalho. O bufo do encarregado aperta connosco mais do que nunca. Mas agora vem com falinhas mensas. Puderá! Desde que ia levando com a carga da máquina em cima. Foi por um vazio! O malandro nunca mais se põe atrás das máquinas a espiar.

Aqui também é bom. Vai mais um. Pronto. E ali à esquina também. Está perto do candeeiro, mas o sítio vale o risco. Ninguém à vista? Bem vamos a isto! Ficou bestial. Isto é como beber um copo de água. Mas sempre a pau com os gajos. Eles já perceberam que agora é diferente. Vem um apanham. Quando foi da greve lá na fábrica bem o tentaram. Mas qual quê! Estavamos todos unidos. Façam comissões! Diziam os tipos.

A direcção da fábrica só aceita falar com uma comissão. Com tanta gente ninguém se entende. Isso, isso! Isso era dantes mas agora nós temos os olhos abertos. As comissões somos todos nós, não há responsáveis. Somos todos. Então a vida não é dura para todos nós? Mas os sacanas tentaram tudo: comprar alguns, saí-lhes mais barato; prender a todos, nem chegavam as prisões! E até fura-greves, traidores. Ah! Mas esses, depois da tal visita amigável que tiveram em casa, mudaram logo de ideias. Unidos e organizados vencemos!

Aqui é porreiro. Vai uma pinturazinha. Boa parede. Vai ser um 1º de Maio mais festivo do que o S. João das Fontainhas. Até lhes vai estalar as costas de apanhar tanta cana. Este ano vamos todos e não à balda. Quando der p'ra fruta, pouca há-de cair no chão. No ano passado os gajos bem arregalaram os olhos quando viram a nossa bandeira ali mesmo debaixo do nariz deles. A vista de todos, vermelha, flutuando ao vento, a bandeira dos trabalhadores. Estava uma linda manhã. Foi o meu mais lindo 1º de Maio. Aquilo encheu-nos o coração de alegria. O António até tinha os olhos húmidos. Carago, que grande festa, lá na fábrica não se falava noutra coisa. Que não me esqueça. Amanhã tenho que levar mais coisas. Os camaradas já leram tudo e já passaram a outros. Este é o caminho p'rá fábrica. Vamos encher isto tudo, aqui está bom.

Olá! Um carro! São os gajos! Cheirou-lhes. Vêm pela calada, luzes nos mínimos, devagarinho. Pararam? Não. Ainda não viram nada. Aqui não me tocam. Os pulhas até fazem horas extraordinárias. Já viram. Não, continuam pela surda. Olá! Vão-se embora. Que mosca é que lhes mordeu? Deixame esperar mais um pouco. Essa já é velha sacanas! Que é isto? Quatro gajos vêm nesta direcção, daquele lado. C'o carago, estou cercado. Desta

(cont. pag. 1)

POESIA ANGOLANA

do povo - buscamos a força

Não basta que seja pura e justa
a nossa causa
É necessário que a pureza e a
(justiça)
existam dentro de nós

Dos que vieram
e connosco se aliaram
muitos traziam sombras no olhar
intenções estranhas

Para alguns deles a razão da luta
era só ódio: um ódio antigo
centrado e surdo
como uma lança

Para alguns outros era uma bolsa;
bolsa vazia (queriam enchê-la)
queriam enchê-la com coisas sujas
inconfessáveis.

Outros viemos.
Lutar p'ra nós é ver aquilo
que o Povo quer:
realizado.
É ter a terra onde nascemos.
É sermos livres p'ra trabalhar.
É ter p'ra nós o que criamos.
Lutar p'ra nós é um destino -
é uma ponte entre a descrença
e a certeza do mundo novo

Canto de guerrilha

POEMA TERCEIRO

Onde estais mães
que não vedes morrer as mães de
(Angola?)

Onde estais irmãos do mundo?
que não vedes morrer os meus irmãos
(de Angola:

Onde estais governos senhores do
(mundo
que não vedeis amigos vossós mater
(Angola?)

Onde estais milhões de Homens livres
(do mundo
que não vedes morrer de pé Angola
(inteira?)

Morrer de pé pela liberdade
morrer de pé por serem homens
morrer de pé para serem homens

(Costa Andrade)

Na mesma barca nos encontramos.
Todos concordam - vamos lutar.
Lutar p'ra quê?
P'ra dar vazão ao ódio antigo?
ou p'ra ganharmos a liberdade
e ter p'ra nós o que criamos?

Na mesma barca nos encontramos.
Quem há-de ser o timoneiro?
Ah as tramas que eles teceram!
Ah as lutas que ali travamos!

Mantivemo-nos firmes: no Povo
buscávamos a força
e a razão

Inexoravelmente
como uma onda que ninguém trava
vencemos.
O Povo tomou a direcção da barca.

Mas a lição lá está, foi aprendida:
Não basta que seja pura e justa
a nossa causa.
É necessário que a pureza ea justiça
existam dentro de nós

(Agostinho Neto)

ANGOLANO

não olhes a cor da epiderme
branco preto mestiço
a pátria
vem da alma

a pátria é íntima tatuagem
que não deve macular
o sangue dos mártires
que por nós morreram e vão morrendo

se por infelicidade,
algum dia nos deixamos dividir
a alienação acabou

é hora de escrevermos África de mãos
(juntas

na mesma luta
é hora de erguermos a pátria
com a mesma determinação

o mesmo sangue e a mesma alma

(Jorge Macedo)

CULTURA E ARTE

"A Arte não é uma coisa abstrata, sem relações com o que quer que seja, mas é, uma consequência do desenvolvimento histórico, duma dada sociedade".

(Mao Tsé Tung)

I- ARTE E CULTURA P. PULAP- ARTE E CULTURA BURGUESA

A Arte e Cultura de uma época são influenciadas e determinadas por inúmeros factores: pelas tradições históricas, pela filosofia, pelas ciências, correntes artísticas e fundamentalmente pela política.

Ao longo dos tempos, sempre a classe dominante utilizou a cultura e a arte como arma para ajudar a assegurar a sua supremacia sobre as massas trabalhadoras. Todavia não basta dizer que a Arte dominante é a Arte da classe dominante. É necessário ver como ela reflecte a dominação de classe e serve a classe no poder.

A burguesia, dominando todos os órgãos produtores da sociedade procura assegurar por todos os meios a defesa dos seus interesses. Um desses meios é a actividade cultural e artística. É assim que desde o ensino ministrado nas escolas — quer primárias, secundárias ou superiores — até às escolas artísticas — Belas Artes, Conservatórios etc — os estudantes são guiados para uma cultura e um tipo de arte que retrate e fortaleça o poder da burguesia. Para controlar os artistas, a burguesia realiza um comércio de arte fazendo entrar no mercado apenas o artigo que se identifica com a sua ideologia. Deste modo os artistas são lavados a entrar no jogo que nem sempre se rá o deles, mas em que necessariamente acabam por se integrar. A actividade artística, como qualquer outra, não existe acima das classes coloca-se antes num ou noutro campo da luta de classes, e nessa perspectiva os artistas exprimem: ou a visão do mundo das classes exploradoras ou a visão das classes oprimidas e exploradas.

É dentro deste contexto que, enquanto as obras dos artistas que facilmente se dispuseram a servir o regime fascista eram bem pagas no mercado e difundidas a todos os níveis, os artistas que nunca se deixaram vender, pondo sempre a arte ao serviço das massas, trabalhadores a todas as perseguições e miséria, muitas vezes presos, exilados ou mesmo mortos.

Os intelectuais progressistas, que se dispõem a servir o Povo devem, baseados na vida das massas trabalhadoras nos sofrimentos e alegrias e na expressão cultural autóctene, realizar obras que correspondam às necessidades imediatas das massas populares, traduzindo as suas lutas, ajudando-as a compreender a sua opressão, ao mesmo tempo que incentiva o proletariado e o campesinato à união e à revolução.

É dentro desta perspectiva que a cultura vem desempenhar um papel importante na libertação de qualquer povo e inclusivamente nas ex-colónias portuguesas.

II- O PAPEL DA CULTURA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

(Transcrito de estudo apresentado por Amílcar Cabral numa reunião da UNESCO em Paris, em Julho de 1972)

"Nunca o homem se interessou tanto por conhecer outros homens e outras sociedades quanto durante este último século de dominação imperialista. Acumulou-se uma quantidade sem precedentes de informações, hipóteses e teorias, sobretudo em matéria de história, etnologia, sociologia e cultura dos povos ou grupos étnicos submetidos ao poder imperialista. Os conceitos de raça, etnia, casta, tribo, nação, cultura, identidade, e tantos outros se converteram em objectos de atenção crescente por parte de estudiosos tanto do homem quanto especificamente das sociedades chamadas "primitivas" ou "em evolução".

Mais recentemente, com a expansão dos movimentos de libertação tornou-se necessário analisar as características dessas sociedades em função da luta empreendida e determinar os factores que a desencadeiam ou a refreiam. Os estudiosos tendem a concordar em que, nesse contexto, a cultura adquire importância singular. Podemos, por isso, reconhecer que qualquer tentativa de esclarecer a verdadeira função da cultura no desenvolvimento de um movimento de libertação (pré-independência) pode representar uma contribuição útil à luta geral dos povos contra o domínio imperialista.

Como os movimentos pela independência são em geral caracterizados, mesmo nos seus primórdios, por uma actividade cultural mais intensa, supõe-se que tais movimentos são precedidos por uma "renascença cultural" do povo dominado. Indo mais longe, considera-se que a cultura é um método de mobilização dos grupos e, portanto, uma arma da luta para a independência.

sobre cultura e arte

(continuação da pag. 4)

A experiência da luta de seu próprio povo e mesmo de toda a África, nos permite afirmar que esta concepção do papel da cultura no desenvolvimento de libertação é demasiadamente limitada, se não errónea. Tal concepção deriva, segundo cremos, de uma generalização incorrecta de um fenómeno real, porém restrito, na medida em que existe somente no nível das elites ou das diásporas colonial. Essa generalização ignora ou desdenha o dado essencial do problema: a indestrutibilidade da resistência cultural das massa populares diante do domínio estrangeiro.

Com apenas algumas excepções, o período de colonização não foi, pelo menos na África, suficientemente longo para permitir a destruição ou uma depreciação importante dos elementos essenciais da cultura e das tradições dos povos colonizados. A experiência colonial de dominação imperialista na África revela que (exceptuando o genocídio, a segregação racial e o apartheid) a única solução pretensamente positiva que as potências coloniais encontram para opôr à resistência cultural do povo colonizado é a "assimilação". Porém o fracasso total da política de "assimilação progressiva" das populações nativas é uma prova evidente tanto da falsidade dessa teoria quanto da capacidade de resistência dos povos dominados.

Por outro lado, inclusivé nas colónias de povoamento, onde a maioria da população continua composta de indivíduos autóctenes, a área de ocupação colonial, e em particular de ocupação cultural, costuma se reduzir às zonas costeiras e a alguns sectores restritos do interior. A influência da cultura da potência colonial é quase nula além dos limites da capital e de outros centros urbanos. Só se manifesta de facto no vértice da pirâmide social colonial - criada pelo próprio colonialismo - e se exerce principalmente sobre o que podemos chamar de "pequena burguesia autóctene" e sobre grupos reduzidíssimos de trabalhadores dos centros urbanos.

É fácil verificar que as grandes massas rurais, assim como uma fracção urbana, isto é, mais de 99% do total da população indígena, mantém-se à margem, ou quase à margem, de qualquer influência cultural da potência colonizadora.

O que acabamos de dizer implica que nem as massas populares do país dominado nem nas classes dominantes

autóctenes (chefes tradicionais, famílias nobres, autoridades regionais) se produz, em geral, uma destruição ou depreciação importante da cultura das tradições. Reprimida, perseguida, humilhada, traída por certas categorias sociais comprometidas com o estrangeiro, refugiada nos povoados, nos bosques e no espírito de dominação a cultura sobrevive a todas as tempestades para depois, graças à luta de libertação, recuperar todo o seu poder de florescimento.

Eis porque as massa populares não tomam, nem podem tomar conhecimento do problema do "retorno às fontes" ou do "renascimento cultural": as massas são as portadoras da cultura, elas mesmas são a fonte e, ao mesmo tempo, a única entidade verdadeiramente capaz de preservar e criar a cultura, quer dizer, fazer a história.

Para se apreciar correctamente o verdadeiro papel da cultura no desenvolvimento do movimento de libertação é, então, necessário, pelo menos no caso da África, distinguir entre a situação das massas populares, que preservam a sua cultura, e a das categorias sociais mais ou menos assimiladas, desenraizadas e culturalmente alienadas. Embora portadoras de certo número de elementos culturais próprios da sociedade autóctone, as elites coloniais nativas, forjadas pelo processo de colonização, vivem material e espiritualmente a cultura do estrangeiro colonialista, com quem tentam progressivamente se identificar, tanto no que se refere ao comportamento social quanto à apreciação dos valores culturais indígenas.

No decorrer de pelo menos duas ou três gerações de colonizados, forma-se uma camada social composta de funcionários do Estado, empregados em diversos ramos da economia (sobretudo no comércio), profissionais liberais e alguns proletários urbanos e agrícolas. Essa pequena burguesia autóctene, forjada pela dominação estrangeira e indispensável ao sistema de espoliação colonial, ocupa uma faixa social situada entre as massas trabalhadoras do campo e os centros urbanos e a minoria de representantes locais da classe dominante estrangeira.

Embora podendo manter relações mais ou menos intensas com as massas populares ou com os chefes tradicionais, essa pequena burguesia aspira, em geral, a um tipo de vi-

(cont. pag. 5)

sobre cultura e arte —

(continuação da pag. 5)

da semelhante, se não idêntico, ao da minoria estrangeira. Disso resulta que, enquanto restringe seus laços com as massas, tenta integrar-se a essa minoria, muitas vezes em detrimento dos laços familiares ou étnicos, e sempre a grande custo pessoal.

Porém, a despeito das exceções aparentes, essa pequena burguesia nunca chega a atrevesar as barreiras impostas pelo sistema, e cai prisioneira das contradições da realidade cultural e social em que vive, já que, nos marcos da paz colonial, lhe é sempre impossível escapar da sua contradição de classe marginal ou "marginalizada". Essa "marginalização" constitui, tanto no país quanto entre os emigrantes instalados numa trópole colonialista, o drama socio-cultural das elites coloniais e da pequena burguesia indígena, vivido mais ou menos intensamente segundo as circunstâncias materiais e o nível de "aculturação", mas sempre no plano individual e não colectivo.

No quadro desse drama quotidiano com o pano de fundo do confronto que se sempre violento entre as massas populares e a classe colonial dominante, surge e se desenvolve na pequena burguesia indígena um sentimento de amargura ou um complexo de frustração e, paralelamente uma necessidade premente, de que toma consciência pouco a pouco, de contestar sua marginalidade e descobrir sua identidade. Isso a leva a se inclinar progressivamente para o outro polo do conflito socio-cultural em que vive: as massas populares nativas.

Por isso, o "retorno às fontes" se manifesta de maneira tanto mais imperiosa quanto maior for o isolamento da pequena burguesia (ou das elites nativas) e quanto mais profundo o seu complexo de frustração, como ocorre com os africanos e migrados para as metrópoles coloniais e racistas.

Mas o retorno às fontes não é nem pode ser em si mesmo um acto de luta contra dominação estrangeira (colonialista e racista) e tão pouco significa necessariamente um retorno às tradições. Trata-se, para o simples, da negação, pela burguesia indígena, da pretensa superioridade da cultura da potência dominadora sobre a do povo dominado, povo com o qual ela precisa de se identificar. O "retorno às fontes" não é, portanto, uma atitude voluntária mas a única reacção viável à irredutível

contradição que a sociedade colonizada opõe à potência colonizadora, as massas espoliadas à classe espoliadora estrangeira.

Quando o "retorno às fontes" ultrapassa o marco individual e consegue se exprimir através de "grupos" ou de "movimentos", essa contradição se transforma em conflito (velado ou aberto), o qual constitui o prelúdio do movimento de pré-independência e da luta pela libertação do jugo estrangeiro. Desta forma, o "retorno às fontes" só é historicamente consequente quando implica, além de um compromisso real na luta pela independência, identificação total e definitiva com as aspirações das massas populares, as quais não só contestam a cultura dos estrangeiros, mas também, globalmente, a sua dominação. Caso contrário, o "retorno às fontes" reduz-se a uma solução visando a obtenção de vantagens temporais e, portanto, a uma forma, consciente ou inconsciente de oportunismo político.

Observemos que o "retorno às fontes", quer aparente ou real, não se produz de maneira simultânea e uniforme no seio da pequena burguesia autóctone. Pelo contrário, trata-se de um processo lento, descontinuo e desigual, cujo desenvolvimento depende do grau de "aculturação" de cada indivíduo, de suas condições materiais de existência, de sua formação ideológica e da sua própria história como ser social.

A cultura é a própria base do movimento de libertação e só as sociedades que conseguem preservar a sua cultura podem se mobilizar, organizar e lutar contra dominação estrangeira. Sejam quais forem as características ideológicas ou idealistas de sua expressão, essa cultura é um factor essencial e um processo histórico. Nela reside a capacidade de elaborar ou fecundar os elementos que asseguram a continuidade da história e, ao mesmo tempo, determinam as possibilidades de progresso ou regressão da sociedade.

Podemos assim compreender que, na medida em que o domínio imperialista é a negação do processo histórico da sociedade dominada, também há de ser forçosamente a negação do seu processo cultural. Por isso, e porque toda a sociedade que se liberta realmente do domínio estrangeiro retoma os caminhos ascendentes da sua própria cultura, a luta de libertação é, sobretudo, um acto cultural.

(cont. pag.)

POESIA

AFRICANA

O. G. B. J. U.

O GUERRILHEIRO EM MARCHA

Eu bem contente estou
Pois sou militante
Cheio de alegria estou
Pois sei o que vin e mal sabia

Sou guerrilheiro
Vim do povo
Fão pelo estrangeiro
Sim, sempre pelo povo.

Missão gloriosa tenho
Longa história escrevo
Angústia durante a marcha não tenho
Porque um acto sagrado leva
Cinco séculos passaram!
Muitos camaradas tombaram
Resistiram até que as forças
Se lhes esgotaram
Pela fadiga não se renderam
"antes morrer que viver na escravi-
(dão"

(Damião Côsme)

IRMÃO DO OCIDENTE

Irmão do Ocidente...
(como explicar-te que és nosso
(irmão?)
O mundo não acaba á porta de tua
(casa
nem no rio que limita o teu país
nem no mar
em cuja vastidão às vezes pensas
(teres descoberto
o sentido do infinito
para além da tua porta para além
do mar
o grande combate continua
homens de olhar quente e mãos
duras como a terra
à noite abraçam os seus filhos
E partem ao nascer do sol
muitos não voltaram. Que importa!
Somos homens cansados das algemas
Para nós a liberdade
vale mais do que a vida
de ti, irmão, nós esperamos,
não a mão caridosa
que humilha e mistifica
mas a mão solidária,
cometida, consciente.
Como podes recusar,
Irmão do Ocidente?

(Frelimo 1973)

S. tomé

CAMINHO LONGE

Caminho
Caminho longe
Caminho longe de S. Tomé
Que não devia ser longe
Que não devia, mas é!

Caminho comprido das roças
e os vendidos seguindo
Deitados os homens se apertam
na grandeza do porão
Caídos os homens se alongam
de ponta à ponta do mar

Deviam ir de outro modo
Deviam ir, mas não vão!

Caminho rasgado no corpo
Caminho pisado mil vezes
que não devia ter sangue
que não devia, mas tem!

Caminho tão duro e tão longe
tão longe de S. Tomé
que devia ser de regresso
que devia ser, e não é!

(Gabriel Mariano)

cabo verde

LEMA

Atrás dos ferros da prisão
É preciso levantar os braços al-
(gemados
Contra a prepotência
Atrás dos ferros da prisão
É preciso afogar a noite em gritos
(de luz
Para a voz de todos os homens
Atrás dos ferros da prisão
É preciso lutar pelo pão das crian-
(ças sem pão
As crianças de barriga inchada
De lombriga e de fome.

(Onésimo Silveira)

DEPOIS DE AMANHÃ É O 1º DE MAIO

(continuação da pag. 2)

vez são os paisanos. Já me viram. Vêm para cá nas calmas. Os sacanas julgam que é trigo limpo. Tu já lhes digo, sempre quero ver a cara dos tipos quando levarem com a barra de ferro. Deixa-os chegar mais perto.

— Calma, camarada! Nós somos amigos.

João fica parado de surpresa, com a barra de ferro no ar, prestes a desferir o golpe. Fica espantado aquelas quatro caras duramente marcadas pelo trabalho, que o fitam amigáveis e sérias.

— A malta tinha-te visto e viu os chuis. Decidimos dar-te uma mão. Ainda tens aí mais cartazes camara da? Depois de amanhã é o 1º de Maio!

SOBRE CULTURA E ARTE

(continuação da pag. 6)

A luta de libertação é um facto essencialmente político. Por conseguinte, só cabe utilizar métodos políticos ao longo do seu desenvolvimento. A cultura não é nem pode ser simplesmente uma arma ou um método de dominação de grupo contra a dominação estrangeira. A cultura é muito mais do que isso. Com efeito, a escolha, a estruturação e o desenvolvimento dos métodos mais adequados para luta se baseiam no conhecimento concreto da realidade local e particularmente da realidade cultural.

Eis porque, para o movimento de libertação é imprescindível conceder importância fundamental não só às características gerais da cultura da sociedade dominada como também às de cada categoria social. Porque a cultura, mesmo tendo carácter de massas, não é uniforme nem se desenvolve de maneira igual em todos os sectores, horizontais ou verticais, da sociedade.

A atitude e o comportamento de cada categoria ou de cada indivíduo em relação à luta e ao seu desenvolvimento dependem, sem dúvida, de seus interesses económicos, mas também são profundamente influenciados por sua cultura. Pode-se até afirmar que o que explica as diferenças de comportamento dos indivíduos de uma mesma categoria social em relação ao movimento de libertação é a existência de diferentes níveis de cultura dentro dessa categoria.

É neste plano que a cultura adquire todo o seu significado para cada indivíduo: Integração em seu meio social, e identificação com os problemas fundamentais e as aspirações da sociedade, e aceitação ou negação de possibilidade de uma transformação no sentido do progresso.

Seja qual for a sua forma, a luta exige a mobilização e a organização da grande maioria da população, a unidade política e moral das diversas categorias sociais, a liquidação progressiva dos vestígios da mentalidade tribal e feudal, a rejeição das regras e dos tabús sociais e religiosos incompatíveis com o carácter racional e nacional do movimento libertador, e muitas outras modificações profundas na vida das populações.

Isso é tanto mais certo quanto a dinâmica da luta exige a prática da democracia, da crítica e da auto-crítica, a crescente participação das populações na gestão da sua própria vida, a alfabetização, a criação de escolas e serviços sanitários, a formação de "quadros" extraídos dos meios camponeses e operários, e outras tantas realizações que implicam em grande aceleração do processo cultural da sociedade. Tudo isso torna claro que a luta pela libertação não é apenas um facto cultural mas também um factor de cultura.

Para que a cultura cumpra o papel que lhe corresponde no movimento de libertação, este deve estabelecer com precisão os objectivos a alcançar no caminho para reconquista do direito do povo que representa e que dirige para a posse da sua própria história e para a disposição livre das suas forças produtivas, de maneira que se torne possível o desenvolvimento ulterior de uma cultura mais rica, popular, nacional, científica e universal.

O que importa ao movimento de libertação não é demonstrar a especificidade ou não especificidade da cultura do povo, mas proceder à análise crítica dessa cultura, em função das exigências da luta e do progresso, o que permitirá situá-la, sem complexos de superioridade ou de inferioridade na civilização universal, como parcela do património comum da humanidade, e na perspectiva da sua integração harmoniosa com o mundo actual.

'POR UMA CULTURA PROGRESSISTA

E POPULAR

foi fortemente espancado até sangrar. Inconsciente ainda, lhe atiraram como saco para o carro, no meio dos ruggados, humildemente sentados.

Retomou a cabeça já na prisão. Não se lembrava do ontem, mas sentia dores. Com cacos de garrafa raparam-lhe o cabelo, avolumaram-lhe as mãos com a palmatória e lhe deram farda azul. O sono fazia-se no chão. Antes de o sol raiar os presos rumavam, sem qualquer contestação, para o Pangaíla e só já noite voltavam. João Tchiala, no regresso, cantava com seus irmãos no destino: "oso uá n'dala ó n'gongo uia buá Puera".

Vão era aconselhável insultar ou desafiar os cipaios. Zelosos demais, não toleravam calcinhas. Só chefe tinha mandado tratamento especial para os refilões. Nada de truques.

Muitos dias idos, mandaram os presos preparar a roupa, se lavarem bem. Era o dia da libertação, pensaram. Cresciam nos corações amanhãs diferentes. Cantavam esperanças renovadas. Voltar a respirar ar lavado, reencontrar os filhos e as mulheres. Começar nova vida.

Mas não. Ainda não havia chegado a liberdade. Era o 28 de Maio que flutuava no porto, à espera deles. Havia de os levar longe, para S. Tomé.

E partiram para as terras da exploração. João Tchiala nunca mais voltou na terra dele. No trabalho árduo das roças foi semeando a sua força de Bailundo. No Largo do Santo Rosa a liberdade de andar só livremente, ficou para sempre nas cordas do Puera. No negro massacre do negro de S. Tomé, que não queriam mais sim senhor de escravo, João Tchiala, bailundo de fazer respeito, tombou baleado, na cabeça morreu!

Era um honrado chefe de família. Os filhos cresceram verticalmente, apontando um amanhã digno para os negros.

(Boaventura Cardoso)

AGRESSÃO YANKEE NA REPÚBLICA DOMINICANA

Fez em 28 de Abril, 10 anos que os imperialistas yankees invadiram a república Dominicana, para subjugar o Povo Dominicano, quando este lutava pela sua independência nacional. A esta invasão as forças patrióticas dominicanas resistiram, mas cometendo graves erros foram derrotadas.

Aprendendo com os seus próprios erros as forças populares e patrióticas avançam na sua luta para expulsar os agressores americanos e os seus lacaios internos.

VIVA A JUSTA LUTA DO POVO DOMINICANO!

MORTE AO IMPERIALISMO!

INDEPENDENCIA NACIONAL !

O POVO DOMINICANO VENCERÁ !



SANTO ROSA

conto angolano

Cabeça rapada, cobertor, cigarros e recomendações. João Tchiala, de zasseis anos, partira das terras do Bailundo para o contrato, no planalto malanjino. Trababalar rguzu no Xandel, o algodão que enriquecia o senhor patrão. De manhã à noite na apanha da flor branca. O capataz branco na resmunguise, vigiava a mangonha. Só à noite o negro se a-vistava com o descanso esperado.

Muito tempo neste sofrimento, João Tchiala o corpo empalitado. Não aguentava mais o Sol nascer e morrer no serviço. Precisava encontrar outra forma de ganhar pão.

Certo dia, pediu num camionista do algodão, boleia para Malange fazer favor. Monangamba feito lá em cima da carga, foi lutar outra vida.

Deambulou nas ruas, sai de dia vem de noite, lhe deram serviço de quimbanguileiro. Lá em cima levar cimento, cá em baixo carregar na betoneira, dez angolares por semana.

O tempo foi andando e João Tchiala, inteligência de pasmar, aprendeu com depressa serviço de pedreiro. A obra ia trepando e ele sempre a saber mais. Naquela arte ninguém não lhe adiantava ensinamento.

Uma vez apareceu mestre d'obras do puto, muito branco, parece na terra dele não ter Sol. Cara demau toda hora falar asneira no pessoal Pontapear era hábito do mestre. João Tchiala não admitia abusos. Quem sabe você lá no Trás dos Montes andavas cavar batatas. Eu sou preto mas tu comigo não fazes farinha! O mestre ficou encarnado na cara dele, preto desafia branco? Enfiou-lhe um tão um estalo. O pedreiro rápido e decidido, baçulou o mestre. Vieram então bezugos secundar na ofensiva do mestre de obras. Mas Tchiala, na defesa firme, ia resistindo. Quando as forças ficaram poucas, conseguiu escapar-se espantosamente, mas antes fez sangue nalguns adversários.

Noite avançada, chegou à casa corpo magoado. Amulher nervosa fez tratamento nele. No dia seguinte foi procurar outro emprego. Andou, andou, serviço nada. Os miudos choramingavam mamã na barriga tem fome. João Tchiala não dormia com paz no coração. Era um chefe de família. Tinha de arranjar emprego, um homem vadiar sempre é feio. A honra dele estava mesmo no trabalho. Os amigos aconselhavam ir a Luanda ver se tem emprego para chefe de família.

Bate aqui, bate ali, arranjou dinheiro para as passagens na classe

terceira. Foi no Comboio manhãzinha, avisado antes seu compadre António, que muito tempo tinha vida em Luanda. Sem farnel, foi só na viagem. 3ª classe é para pretos, tem bancos de madeira e o cheiro traquino da cangonha. Lá fora a berrida da paisagem.

Dentro já da noite, o comboio fez paragem na estação dos muceques.

Grande confusão. Gritos um monte. Ela não conhecia Luanda. Cada qual chamava seu parente ou amigo. Mano António ééé! Tia Maria ééé! Mano João ééé! Mano João? Será com sou eu? Mano João ééé! João Tchiala desceu desconfiado, mas com firmeza na mala que agarrava a mala. Olhava na frente, olhava na traz. Logo-logo estava na multidão. Responde só a um aceno distante e a mala, de repente, com um ladrão mergulhando no escuro. Agarra! Agarra! Agarra! Habilidade e perícia de ladrão ninguém que desafia.

Algum tempo passado, surgiu então o compadre António a quem ele falou o triste acontecimento. Foi tudo na mala irmão! Me cassumunaram a roupa e a papelada. António procurava maneira de acalmar o seu compadre, falta pouco para chorar. Não tem mal, amanhã arranjas emprego e compras outra roupa.

E foram os amigos pelos caminhos do muceque. Conversando e falando dos bandidos e ladrões que formigavam na capital. Malange não era assim, tinha gente de educação. Chagaram e depressa se fizeram ao sono.

João Tchiala começou a tentar novo emprego. Todos os dias ia à Paixá, emprego não tem. Depois subia a pé as subidas todas da cidade. Os filhos chateavam-lhe sempre o pensamento.

Quando um dia ia buscar solução para os seus problemas, viu grande confusão no Largo Santo Rosa. Muitas camionetas e homens em fila com as mãos na traz das costas. Alguns berros. Era uma concentração de rusgados. Tchiala firmou o passo, salientou o peito e foi andando. Depois: pst ó calcinhas! Ele não lhe fez caso nenhum. Ó tu aí! Comigo? Vem cá meu rapazinho! João Tchiala não gostava que lhe faltassem respeito. Se dava bem com toda a gente, era um chefe de família. Porquê chamar rapazinho? Com as pernas a xinguilar, se aproximou. Documentos? Não tem. Suba! Mas... Suba mé! Ó Guduma arreia já nesse gajo! Com Poeira não se brinca. O chimba, porém, já no passo executivo da ordem, sentiu na cara o punho enérgico do bailundo que, logo rápido, por todos os chimbas

(cont. pag. 9)